

DOI: 10.20396/cel.v61i0.8653710



## CONTRAPOSIÇÃO NÃO ORACIONAL COM *MAS*: SUBSTITUIÇÃO E ACRÉSCIMO

EROTILDE GORETI PEZATTI<sup>1</sup>  
DANYTIELE CRISTINA FERNANDES DE PAULA<sup>2</sup>  
GABRIEL HENRIQUE GALVÃO PASSETTI<sup>3</sup>

**RESUMO:** A proposta deste estudo é investigar a relação adversativa entre sintagmas e palavras, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008). Para essa teoria, em construções como *The work took longer than expected, but it was easy*, ocorre concessão entre dois atos discursivos não equipolentes, sendo o ato discursivo nuclear marcado com *but*. Este estudo tem como objetivo verificar se *expressamente e implicitamente* na construção *a carta está, não expressamente, mas implicitamente, dividida em pequenas quadriculas*. (PT89:CartografiaPortuguesa:49), constituem atos discursivos e o tipo de processo morfossintático que esse fenômeno engendra. Para isso, utiliza como universo de investigação os materiais do *corpus* “Português oral”, desenvolvido pelo Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”. A análise das ocorrências mostra que há dois atos discursivos não equipolentes relacionados, com núcleo lexical, morfossintaticamente mapeados por sintagmas e palavras, constituindo então casos de *listagem*. Esse tipo de estrutura pode indicar que (1) o falante apresenta no primeiro ato discursivo uma informação que é logo refutada e substituída pela informação contida no segundo ato discursivo; ou que (2) o falante sente a necessidade de acrescentar uma informação que supõe ser importante para a correta interpretação do ouvinte.

**Palavras-chave:** coordenação; adversativa; concessão; *mas*.

**ABSTRACT:** The proposal of this study is to investigate the adversative relationship between phrases and words, from the perspective of Functional Discourse-Grammar (Hengeveld and Mackenzie, 2008). For this theory, in constructions like *The work took longer than expected, but it was easy*, concession takes place between two non-equipollents discursive acts, being the nuclear discursive act marked with *but*. This study aims to verify whether expressly and implicitly in the construction “the letter is not expressly, but implicitly, divided into small squares” (PT89: CartografiaPortuguesa: 49) are discursive acts and what is the type of morphosyntactic process that this phenomenon engenders. It uses as a research universe the materials of the corpus “Portuguese oral”, developed by the Project “Portuguese Spoken: Geographical and Social Varieties”. This type of structure can indicate that (1) the speaker presents in the first discursive act an information that is soon refuted and replaced by the information contained in the second discursive act; 2) the speaker feels the need to add information that is supposed to be important for the correct interpretation of the addressee.

**Keywords:** coordination; adversative; concession; *but*.

<sup>1</sup> UNESP/São José do Rio Preto, SP, Brasil. [pezatti@sjrp.unesp.br](mailto:pezatti@sjrp.unesp.br), <http://orcid.org/0000-0001-8822-9587>, PQ/CNPq Proc. No. 301257/2017-5.

<sup>2</sup> UNESP/São José do Rio Preto, SP, Brasil. [unesp.dany@gmail.com](mailto:unesp.dany@gmail.com), <http://orcid.org/0000-0002-7038-6776>

<sup>3</sup> UNESP/São José do Rio Preto, SP, Brasil. [gabrielhgalvao@outlook.com](mailto:gabrielhgalvao@outlook.com), <https://orcid.org/0000-0001-5001-6666>

## INTRODUÇÃO

Vinculado ao projeto, atualmente desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), denominado *Construções coordenadas nas variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional*, a proposta deste estudo é investigar a relação adversativa entre palavras e sintagmas efetuada por meio de *mas*, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008).

Dik (1989) entende a coordenação como uma forma de expansão de elementos similares em séries coordenadas. A construção coordenada consiste, pois, em dois ou mais membros, funcionalmente equivalentes, combinados no mesmo nível estrutural por meio de mecanismos de ligação. Isso implica que nenhum dos membros de uma construção coordenada é subordinado aos demais, ou seja, nenhuma unidade é constituinte da outra, podendo cada uma ocorrer sozinha, mas a combinação delas constitui uma única unidade formal. Os mecanismos de ligação podem não estar manifestos, e a coordenação ocorre por justaposição, ou podem estar expressos, indicando uma conexão simples. Nesse caso, consistirá em um ou mais coordenadores que servem para indicar a relação entre os membros. Interessam-nos, neste momento, os casos em que o mecanismo de ligação está expresso, indicando uma relação adversativa entre as unidades formais envolvidas.

Segundo Dik (1997, p. 201), na maioria das línguas, não são apenas sentenças e orações que podem ser coordenadas, mas também termos simples (argumentos e satélites), tipo de relação a que o autor denomina *coordenação de termos*, como em (1)a-c.

- (1) a. **John and Mary** left.  
b. I saw **John and Mary** leave.  
c. I arrived **with John** and **with Mary**. (DIK, 1997, p. 201, grifo do autor)<sup>4</sup>

Para explicar a coordenação de constituintes suboracionais, o autor (DIK, 1997, p. 195) propõe o que entende por “abordagem direta”. A abordagem direta requer uma regra por meio da qual um item na estrutura subjacente da oração pode ser localmente multiplicado em *n* ocorrências. Dessa forma, uma pergunta à qual este estudo pretende responder é se entre os constituintes não oracionais ligados por *mas*, como em (2), ocorre coordenação de termos.

- (2) a carta está, **não expressamente, mas implicitamente**, dividida em pequenas quadrículas. (PT89:CartografiaPortuguesa:49)

Conforme Pezatti; Longhin (2016), a coordenação adversativa consiste em uma construção estritamente bimembre, na qual se cotejam duas entidades ou dois eventos de algum modo incompatíveis. Desse cotejo resulta uma relação de

---

<sup>4</sup> (1) a. **João e Maria** saíram.  
b. Eu vi **João e Maria** saírem.  
c. Eu cheguei com **João e Maria**. (Tradução nossa)

adversidade, que se especializa contextualmente em uma variedade de nuances, desde uma oposição, instaurada no domínio sócio-físico, até uma quebra de expectativa, instaurada no domínio das crenças e suposições.

O mecanismo de ligação do tipo adversativo constitui uma categoria heterogênea de relatores<sup>5</sup>, que abriga conjunções propriamente ditas (*mas*), perífrases conjuncionais (*senão que*, *só que*, *enquanto que*) e palavras gramaticais de estatuto flutuante, como advérbios juntivos (*porém*, *no entanto*, *contudo*, *entretanto*, *todavia*, *agora*), que têm a propriedade da junção, mas ainda preservam traços da construção adverbial de origem. Sempre que presentes, os relatores se posicionam antes do segundo membro da construção adversativa, porção que comporta a informação argumentativamente mais decisiva, frente ao conteúdo do primeiro membro, que pode se conformar a uma refutação, a uma correção, a uma ressalva, a uma diferença, a uma surpresa ou a uma contra-argumentação. Nesses termos, as construções adversativas detêm um valor fortemente argumentativo e a estratégia em jogo depende, em grande parte, do tipo de relator selecionado.

Este estudo tem como proposta descrever a relação adversativa circunscrita a sintagmas e palavras, que se estabelece pelo uso da tradicionalmente denominada conjunção adversativa *mas*, tendo por objetivo mais específico reafirmar a hipótese de que a combinação de “termos simples” com *mas*, diferentemente de *e* e *ou*, não constitui “coordenação de termos”, o que cabe, conseqüentemente, verificar que estatuto discursivo esses constituintes manifestam e que tipo de organização morfossintática é motivada por esse fenômeno.<sup>6</sup>

Para isso utilizam-se, como universo de investigação, os materiais do *corpus* “Português oral”, desenvolvido pelo Projeto “Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais”, que pode ser obtido no site [http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica\\_de\\_corpus/projecto\\_portuguesfalado.php](http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto_portuguesfalado.php).

O texto encontra-se organizado em quatro seções. A primeira apresenta um esboço do modelo adotado, o da Gramática Discursivo-Funcional (GDF); a segunda trata da contraposição de um ponto de vista discursivo-funcional. A terceira seção apresenta o resultado da análise em que se verificam dois tipos de contraposição, uma por substituição e outra por acréscimo. A contraposição com *mas* vista com base na organização em níveis e camadas da GDF constitui o tema da quarta seção, que é então seguida das Considerações finais, que trazem as conseqüências teórico-metodológicas da análise.

## 1. ARQUITETURA DA GDF

A finalidade desta seção é introduzir alguns postulados da GDF que permitam fornecer os fundamentos necessários para a discussão das construções aqui enfocadas. A Fig. 1 representa a arquitetura geral do modelo, conforme proposta em Hengeveld e Mackenzie (2008).

---

<sup>5</sup> *Relator* é aqui entendido o que comumente se denomina *conjunção coordenativa*.

<sup>6</sup> Tratamos da adversidade introduzida por *mas*, considerando que esta é a conjunção adversativa por excelência, estando já completamente gramaticalizada, diferentemente das outras adversativas.

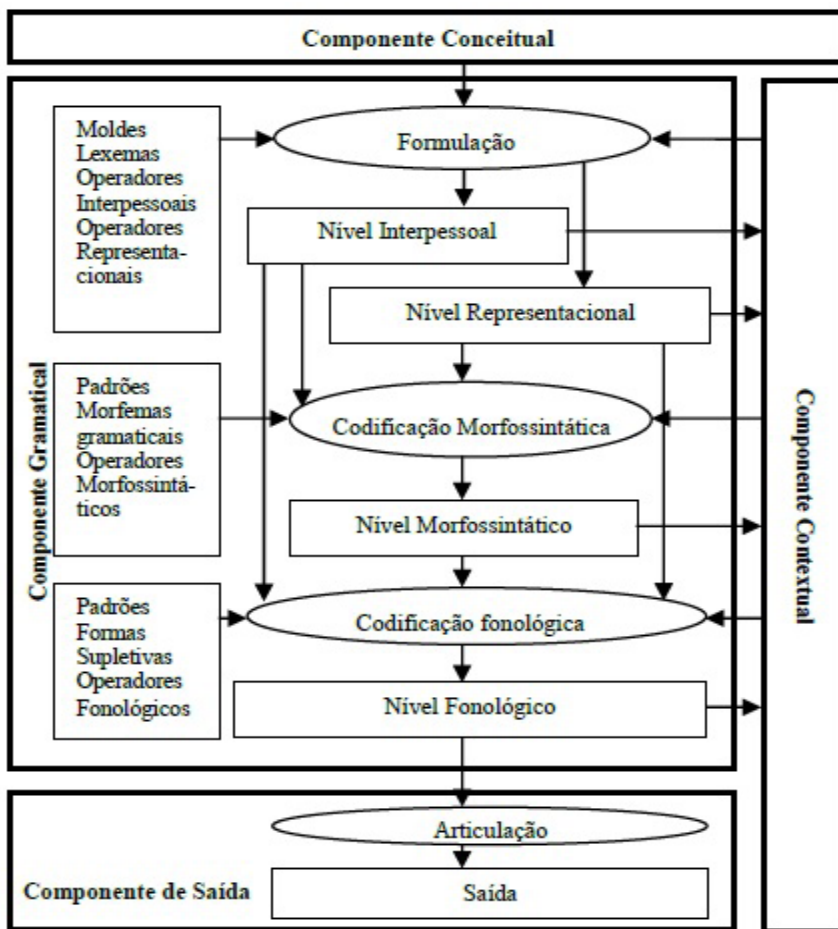


Figura 1. *Layout* Geral da GDF (Adaptado de HENGVELD; MACKENZIE, 2008, p. 13)

A GDF consiste num modelo descendente, o que significa que a construção de um enunciado se inicia com a intenção comunicativa de uma mensagem no componente conceitual; ainda nessa forma pré-linguística, a mensagem passa para o componente gramatical, onde é formulada em unidades de conteúdo pragmático e semântico e codificada em unidades formais de natureza morfossintática e fonológica.

Essa direção descendente é motivada pelo postulado de que um modelo de gramática será mais eficaz quanto mais sua organização se assemelhar ao processamento linguístico no indivíduo. O modo descendente de organização implica que cada estágio ou componente por que passa a mensagem nesse processo constitui a entrada do estágio ou do componente seguinte. Nesse caso, o componente conceitual fornece a entrada para o componente gramatical que,

por sua vez, fornece a entrada para o componente de saída, onde a mensagem é finalmente articulada.

O componente conceitual é a força motriz do componente gramatical como um todo, uma vez que é responsável pelo desenvolvimento tanto da intenção comunicativa relevante para o evento de fala corrente, quanto das conceitualizações associadas a eventos extralinguísticos relevantes. O componente de saída gera as expressões acústicas ou escritas com base na informação fornecida pelo componente gramatical. O componente contextual contém a descrição da forma e do conteúdo do discurso precedente, do contexto real do evento de fala e das relações sociais entre os participantes.

Na formulação, o nível interpessoal (NI) representa as ações linguísticas do falante para conseguir seu objetivo comunicativo, mediante o sequenciamento de ações linguísticas que reflete a ordem das estratégias colocadas em prática. Esse nível é constituído de várias camadas hierárquicas: o movimento (M), o ato discursivo (A), a ilocução (F), o conteúdo comunicado (C) e os subatos referencial (R) e atributivo (T). Particularmente de interesse para este trabalho é a camada do ato discursivo, a menor unidade identificável de um comportamento comunicativo, que corresponde a uma unidade de entonação. É a unidade básica do discurso, que pode ter diferentes graus de complexidade, desde interjeições, como *nossa!* (Bras80: CriarFilhos), holófrases, como *fogo!* (PT97:MalDesconhecido), até orações simples, como *preocupa-me muito isto* (PT95:JuventudeOntemHoje), e complexas, como *um gajo faz o que gosta...* (PT95:Futebol).

De modo geral, o ato discursivo é composto de uma ilocução e de um conteúdo comunicado. A ilocução apreende as propriedades formais e lexicais do ato discursivo que podem ser atribuídas a um uso interpessoal, convencionalizado para representar intenções comunicativas, que, por sua vez, podem ser de diversos tipos, como chamar a atenção, afirmar, dar ordem, questionar, alertar, requerer etc. Esses tipos de intenção comunicativa podem ser expressos por meio de uma interjeição, de um verbo performativo e de uma ilocução abstrata. O conteúdo comunicado, por seu turno, corresponde às escolhas que o falante faz para evocar um quadro do mundo exterior sobre o qual ele deseja falar, ou seja, contém tudo o que o falante deseja evocar na interação com o ouvinte (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 87). Ele é constituído de um ou mais subatos, que representam uma forma de ação comunicativa do falante, que pode ser de atribuição e de referência. Um subato de atribuição (T) expressa uma tentativa do falante de evocar uma propriedade, que pode se aplicar a uma entidade. Já o subato de referência (R) constitui uma tentativa do falante de evocar um referente. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 88).

O nível representacional (NR) trata dos aspectos semânticos das unidades linguísticas, quer referentes ao modo como a língua se relaciona ao mundo extralinguístico que ela descreve, quer aos significados de unidades lexicais, independentemente do modo como se usam essas unidades na comunicação. Esse nível é também constituído de várias camadas hierárquicas e não hierárquicas. A unidade mais alta é o conteúdo proposicional (p), um construto mental, que pode conter um ou mais episódios (ep), que, por sua vez, são conjuntos de estados

de coisas tematicamente coerentes, no sentido de que apresentam unidade ou continuidade de tempo, lugar e indivíduo. Estados de coisas (e) incluem eventos e estados que se caracterizam por serem localizados no tempo e avaliados em termos de seu estatuto de realidade. Um estado de coisas é estruturado com base numa propriedade configuracional (f<sup>c</sup>). Essa categoria, que tem natureza composicional, contém uma combinação de unidades semânticas sem relação hierárquica entre si, que, como se verá, constituem a unidade de análise que tem o maior grau de relevância para este estudo. Como categorias semânticas não hierárquicas, o nível representacional contém as seguintes: a propriedade (f), como *alegre*, que se define por não ter existência independente, podendo somente ser avaliada em termos de sua aplicabilidade a outros tipos de entidades ou à situação que ela descreve em geral; o indivíduo (x), como *mesa*, *homem*, que designa uma entidade de primeira ordem, que, como tal, pode ser localizada no espaço e avaliada em termos de sua existência; lugar (l) que indica um espaço físico; tempo (t), uma categoria semântica que pode tanto estar ligada à interpretação contextual no momento de fala, como a posições relativas na linha do tempo, ao calendário estabelecido socialmente, a um ponto ou a um trecho na linha do tempo; maneira (m), que indica o modo como o estado de coisas é executado; quantidade (q), que designa o montante de fenômenos contáveis e incontáveis; e razão (r), que representa pensamentos que orientam um agente humano para agir de certa maneira.

Passando, agora, para a operação de codificação, o nível morfossintático (NM) tem como tarefa tomar o *input* duplo resultante da formulação dos níveis interpessoal e representacional e fazê-lo emergir em uma única representação estrutural. Assim, a codificação morfossintática converte unidades de significado em unidades morfossintáticas, que a codificação fonológica converte em unidades fonológicas. Similarmente aos níveis da formulação, os da codificação se compõem de camadas hierárquicas: o nível morfossintático contém as camadas da expressão linguística, da oração, do sintagma e da palavra, e o nível fonológico (NF) contém o enunciado (U), a frase entonacional (IP), a frase fonológica (PP), o pé e a sílaba.

A expressão linguística (Le), camada mais alta do nível morfossintático, refere-se a qualquer conjunto constituído de, pelo menos, uma unidade morfossintática, que pode ser uma oração, como *nunca fui a Pernambuco* (Bras80:ArteUrbana), um sintagma, como *que horror!* (PT72: AoVolante), ou uma palavra, como *Coitadinho!* (Bras80:Criar Filhos). Quando houver mais de uma unidade na expressão linguística, elas terão as mesmas propriedades morfossintáticas, já que, por não constituírem membros uma da outra, permitem várias combinações. A combinação de orações pode resultar em coordenação, cossubordinação ou equiordenação oracional; já a combinação de uma oração com um sintagma, denomina-se extraoracionalidade, e a combinação de sintagmas ou palavras pode resultar em equiordenação sintagmática ou em listagem.

A oração (Cl) constitui outra camada do NM, que, considerada uma categoria universal da estrutura morfossintática, constitui um grupo de um ou mais sintagmas, caracterizados, em maior ou menor extensão, por um padrão de ordenação e por expressões morfológicas de conectividade, notadamente concordância e regência.

Em outras palavras, a oração consiste em uma configuração sequenciada de palavras, sintagmas e outras orações (encaixadas).

A camada abaixo da oração é a do sintagma (Xp), que, assim como a oração, consiste potencialmente em uma configuração sequenciada de palavras, de outros sintagmas e de oração encaixada. É formado por um núcleo lexical, oriundo do nível interpessoal ou representacional; como entidade lexical, seu núcleo pode ser um verbo (Vp – *Verb Phrase*), um substantivo (Np – *Noun Phrase*), um adjetivo (Adjp – *Adjective Phrase*), um advérbio (Advp – *Adverb Phrase*) ou uma adposição (Adpp – *Adposition Phrase*).

A palavra (*word -W*) contém radicais e afixos. Em algumas línguas, ela pode conter, assim como a camada do sintagma e da oração, outras unidades de camadas mais altas. As palavras podem ser nominais (Nw), adjetivais (Adjw), adverbiais (Advw), verbais (Vw) ou gramaticais (Gw), enquanto radicais (*stem*) podem ser nominais (Ns), adjetivais (Adjs) ou verbais (Vs), sendo os morfemas gramaticais representados pelos Afixos.

## 2. A CONTRAPOSIÇÃO NA GDF

Voltando ao ponto que nos interessa neste estudo, vejamos como a GDF trata as construções com *mas*. Do ponto de vista desse modelo, a coordenação é o reflexo morfossintático de uma estratégia discursiva, que combina, no nível interpessoal, dois ou mais atos discursivos equipolentes (com igual estatuto comunicativo), que constituem o núcleo de um movimento, como em (3)B.

(3) A: What happened yesterday in the Scottish Premier League?

B: Celtic won. And Rangers lost. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 53)<sup>7</sup>

No nível morfossintático, um movimento corresponde a uma expressão linguística, que, conforme vimos, se define como qualquer conjunto de pelo menos uma unidade que pode ser usada independentemente. Havendo mais de uma unidade, nenhuma é parte da outra, embora as duas permaneçam morfossintaticamente juntas. Na coordenação, há duas ou mais unidades equipolentes que formam uma expressão linguística, podendo cada qual ocorrer sozinha. A combinação delas, no entanto, constitui uma única unidade formal, como em (4) e (5).

(4) Celtic won and Rangers lost.

(5) (Can I take your order?) A Big Mac, French fries, and a Coke. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 309)<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> A: *O que aconteceu ontem na Scottish Premier League?*

B: *O Celtic venceu. E os Rangers perderam.* (Tradução nossa)

<sup>8</sup> *O Celtic venceu e os Rangers perderam.*

(Qual o seu pedido?) *Um Big Mac, batatas fritas e uma coca.* (Tradução nossa)

Em (4), a coordenação de dois atos discursivos é realizada morfossintaticamente como uma coordenação explicitamente marcada por duas orações; já (5) é um exemplo típico de listagem, uma organização não interpretável como uma oração incompleta. Como se vê, para esse modelo teórico, cada sintagma em (5), constitui um ato discursivo, cada qual com sua ilocução, o que é plenamente adequado, conforme veremos adiante.

Ainda segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 54), atos discursivos podem ser combinados numa relação de dependência, uma vez que o falante atribui diferentes estatutos comunicativos a cada um deles. É o que acontece, em (6), entre o ato nuclear *The work was fairly easy* e o ato subsidiário *although it took me longer than expected*, com a função retórica concessão.

(6) The work was fairly easy, although (I concede that) it took me longer than expected. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 54)<sup>9</sup>

A possibilidade de se inserir o predicado performativo *to concede* indica que a concessão ocorre no nível interpessoal entre atos discursivos. O mesmo, no entanto, não acontece em (7), em que a concessão ocorre no nível representacional entre conteúdos proposicionais, que não admitem a inserção de *to concede*.

(7) Although (\*I concede that) the work took longer than expected it was easy. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55)<sup>10</sup>

Quando a concessão ocorre no nível interpessoal, o ato nuclear pode ser marcado com *but*, e, nesse caso, o ato subsidiário permite a adição de um modificador como *admittedly* ('reconhecidamente'), que cria a expectativa de que o ato seguinte é o nuclear, como mostram construções como (8).

(8) The work (admittedly) took longer than expected, **but** it was easy. (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 55).<sup>11</sup>

Desse modo, em construções como (9), a relação entre os dois atos discursivos é de dependência, uma vez que o falante atribui estatuto comunicativo diferente a cada um deles: o ato discursivo *I doubt very much I'll get there* é nuclear, sendo marcado por *but*, e *I'm still considering it* é o ato subsidiário, com a função retórica concessão. Deve-se observar que *but*, marca o ato nuclear, diferentemente de *although*, que marca o subsidiário. Assim, para a GDF, *but* é um operador de ato discursivo em que se combinam, numa relação de dependência, um ato nuclear e um ato subsidiário.

---

<sup>9</sup> O trabalho foi fácil, embora (eu admito) levou mais tempo do que o esperado. (Tradução nossa).

<sup>10</sup> Embora (\*eu admito) o trabalho tenha levado mais tempo do que o esperado, ele foi fácil. (Tradução nossa).

<sup>11</sup> O trabalho (reconhecidamente) levou mais tempo que o esperado, mas foi fácil. (Tradução nossa).



(9) To cut a long story short, I'm still considering it, but I doubt very much I'll get there. (Internet), (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 59)<sup>12</sup>

Nosso objetivo é então verificar se, em construções como (2), repetida aqui por conveniência em (10), em que se combinam *expressamente e implicitamente*, e (11), com a combinação de *igual e cores diferentes*, há dois atos discursivos não equipolentes que constituem o núcleo de um movimento.

(10) nas cartas portuguesas foi inserida uma escala de latitudes, embora as cartas não estivessem preparadas para isso. foi abusivamente, podemos dizer, inserida uma escala de latitudes e mais tarde alguém teve a ideia de transferir a mesma escala de latitudes para o equador, o que deu como resultado que a carta está, **não expressamente, mas implicitamente**, dividida em pequenas quadriculas. é uma quadricula. e então nasceu a tal célebre carta plana-quadrada. (PT89:CartografiaPortuguesa:49).

(11) - e quando vocês eram pequenas, vocês se vestiam iguais, tudo?  
-> na maioria das vezes era, eram roupas iguais mas não assim mesma cor, tal, não é, tudo dois de paus assim, não é, nunca gostámos disso, ai menina, sempre foi assim **igual mas cores diferentes**, não é, mas mesmo estilo de roupa, tudo. conforme a gente foi crescendo, a partir de, de doze anos, onze anos, não é, aí, o estilo sempre foi igual, mas roupas assim nunca iguais, sabe, sempre a gente quis comprar roupa diferente. (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:90).

### 3. CONTRAPOSIÇÃO NÃO ORACIONAL COM MAS NO PORTUGUÊS

O levantamento dos dados compreendeu um conjunto de 32 ocorrências em que se combinam palavras e sintagmas, conforme exemplificam (12) e (13).

(12) -> ah! achei, achei uma, adorei! agora, eu sou louca para conhecer Olinda.  
- ah é?  
-> é que eu não conheço o norte. eu tenho maior vontade!  
- os pais pernambucanos, mas você nunca foi?  
-> nunca fui a Pernambuco. não, não s[...], **meus pais não, mas meus avós**.  
- é os avós. (Bra80:ArteUrbana:27).

(13) em cima tem três quartos, [...] tem um banheiro, um banheiro e uma sala. aí normalmente ficam os rapazes da casa, totalmente isolados. agora, **bem longe da casa, dessa fazenda, mas dentro ainda do, do território familiar**, tem uma piscina, piscina natural. (Bra80:Fazenda:30).

---

<sup>12</sup> Para encurtar a história, eu ainda estou considerando isso, mas duvido muito que eu chegue lá. (Tradução nossa).

Como a contraposição é por definição uma relação binária, conforme já observa Dik (1997), vê-se que em (12), por exemplo, os dois membros combinados são [*meus pais*] e [*meus avós*] e, em (13), [*bem longe da casa, dessa fazenda*] e [*dentro ainda do, do território familiar*].

Cada um desses membros relacionados representa uma unidade de comunicação, correspondente a uma unidade de entonação. Em outras palavras, os enunciados (12) e (13) envolvem uma relação de interlocução que se define por uma ilocução, que representa uma intenção comunicativa, e por um conteúdo comunicado, constituído, por sua vez, de um subato.

Assim também os dois membros combinados, [*igual*] e [*cores diferentes*], em (11), repetida aqui por conveniência em (14), e [*não por razões portanto eleitorais*] e [*por leitura que faço da constituição e coerência*] em (15), constituem cada qual um ato discursivo, contendo sua própria ilocução.

(14) ai menina, sempre foi assim ***igual mas cores diferentes***, não é?, mas mesmo estilo de roupa, tudo. (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:90).

(15) não desejo recandidatar-me. ***não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito mas por leitura que faço da constituição e coerência***. eu há muito tempo que digo que o presidente não deve intervir. (PT90:PoderesCE:58).

Todos os atos envolvidos nos exemplos apresentam ilocução declarativa, uma vez que apenas informa o ouvinte do conteúdo proposicional evocado pelo conteúdo comunicado, permitindo inclusive a inserção de um verbo performativo explícito, como *declarar*, em cada um deles, conforme se vê em (14)a e (15)a.

(14)a (eu declaro) igual  
mas (eu declaro) cores diferentes

(15)a (eu declaro) não por razões portanto eleitorais.  
mas (eu declaro) por leitura que faço da constituição e coerência

Além disso, essas construções permitem modificadores de atos discursivos, como *pô* e *caramba*, que intensificam o ato, expressando raiva, irritação (modificadores de ênfase), conforme se vê em (14)b e (15)b.

(14)b igual, *pô*  
mas cores diferentes, *caramba*.

(15)b não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito, *pô*.  
mas por leitura que faço da constituição e coerência, *caramba*.

Cada um desses atos, no entanto, tem estatuto comunicativo diferente, uma vez que a informação com maior peso comunicativo se encontra no segundo ato;

por isso a relação entre eles é de dependência. O estatuto subsidiário do primeiro ato, tanto em (14) quanto em (15), é comprovado pela possibilidade de se adicionar o modificador *reconhecidamente* que engendra a expectativa da vinda de um ato nuclear, como mostram (14)c, (15)c.

(14)c *reconhecidamente* igual

(15)c *reconhecidamente* não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito

Como se vê, diferentemente da contraposição marcada pelas tradicionalmente denominadas conjunções subordinativas concessivas, como *embora*, *apesar de* (*que*), que marcam o ato subsidiário, a contraposição efetuada pela conjunção *mas*, tradicionalmente denominada coordenativa, marca o ato nuclear. Isso significa que a diferença entre o uso das conjunções subordinativas e da conjunção coordenativa reside no conteúdo que o falante quer ressaltar sinalizando, na interação, qual é o ato subsidiário e qual o nuclear.

A semântica da enunciação, representada por Anscombe; Ducrot (1977), Vogt; Ducrot (1980), entre outros, distingue dois tipos de *mas*: *masSN* e *MasPA*. O primeiro, exemplificado com *Ela não é nadadora, mas atleta*, tem função opositiva mas não argumentativa e aparece sempre depois de um enunciado negativo, com função de correção de algo suposto ou realmente dito antes (GUIMARÃES, 1987, p. 61). O outro, *MasPA*, exemplificado com *Paulo era mais adequado para o cargo mas não foi escolhido*, estabelece uma orientação argumentativa, indicando que o que deve ser levado em conta é o que está expresso no segundo enunciado (GUIMARÃES, 1987, p. 109-111).

Os dados aqui analisados corroboram a distinção efetuada pela semântica da enunciação, uma vez que indicam que a relação de contraposição por *mas* pode ser de dois tipos: um, em que o ato nuclear veicula uma informação que deverá substituir a informação contida no ato subsidiário, identificado como *masSN*; outro, em que a informação veiculada pelo ato nuclear tem mais peso argumentativo do que a informação veiculada pelo ato subsidiário, correspondendo, portanto, ao *MasPA*. A esses dois tipos, denominamos respectivamente *contraposição por substituição* e *contraposição por acréscimo*, que serão tratados a seguir.

Na contraposição por substituição, conforme exemplifica (2), repetida em (16), é possível verificar que o falante apresenta no primeiro ato discursivo um conteúdo comunicado que é logo refutado e substituído pelo conteúdo comunicado contido no segundo ato discursivo, já que, para ele, é a informação correta a ser incluída na informação pragmática do ouvinte. Nesse tipo de construção, de modo geral, o conteúdo do primeiro ato é totalmente negado, conforme se vê pela presença do operador de polaridade *não*. Em outras palavras, do ponto de vista do discurso, essas construções desmentem uma pressuposição.

(16) a carta está, **não** *expressamente*, **mas** *implicitamente*, dividida em pequenas quadrículas. é uma quadrícula. e então nasceu a tal célebre carta plana-quadrada. (PT89:CartografiaPortuguesa:49).

Na contraposição por acréscimo, por outro lado, o falante estabelece com o ouvinte um começo (tema) e se opõe a ele em seguida, frustrando a expectativa criada anteriormente (GUIMARÃES, 1987, p. 120), como mostra (11), repetida aqui por conveniência em (17), em que *cores diferentes* se sobrepõe à informação de igualdade.

(17) - e quando vocês eram pequenas, vocês se vestiam iguais, tudo?

-> [...] ai menina, sempre foi assim **igual mas cores diferentes**, não é, mas mesmo estilo de roupa, tudo. (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:90).

Como se sabe, a língua espanhola dispõe de duas conjunções para indicar contraposição: *sino* e *pero*. Segundo a tradição gramatical espanhola, *sino*, uma conjunção adversativa exclusiva, indica oposição entre dois elementos ou circunstâncias incompatíveis, ou seja, indica negação total do primeiro membro, normalmente negado, como em *No es mi perro, sino el suyo*. Já *pero* é uma conjunção adversativa restritiva, que indica uma ressalva a uma ideia anteriormente enunciada; nesse tipo, a negação pode ocorrer tanto no primeiro membro, como em *No me ha dicho nada, pero sé que me ama*, quanto no segundo, como em *Tienes que ser duro, pero sin perder la dulzura nunca*. *Però* permite também indicar oposição entre dois elementos que podem, ainda assim, coexistir, como em *Me gusta el vino pero también la cerveza*.

Dessa forma, recorremos a um teste de tradução para o espanhol<sup>13</sup> das ocorrências em análise do português com o objetivo de assegurar mais decisivamente as diferenças entre os dois tipos de contraposição detectados no corpúsculo. Essa estratégia revelou que *mas*, na contraposição por substituição, é sistematicamente traduzida por *sino*, conforme mostra (18)a, que recupera (12). A contraposição por acréscimo, por outro lado, é adequadamente traduzida no espanhol por *pero*, conforme demonstra (19)a.

(18) - os pais pernambucanos, mas você nunca foi?

-> nunca fui a Pernambuco. não, não s[...], *meus pais não, mas meus avós*.

- é os avós. (Bra80:ArteUrbana:27).

a ‘mis padres no, **sino** mis abuelos’

(19) então viu que eu que estava ali, *sentado, mas adormecido*. (Moç86:Chuva:57).

a ‘sentado, **pero** adormecido’

Essa estratégia revela que, diferentemente do espanhol, não se marca, em português, a distinção entre exclusiva e restritiva, ou seja, não é uma distinção

---

<sup>13</sup> Solicitamos a tradução a um falante nativo do espanhol peninsular, o Prof. Dr. Daniel Garcia Velasco, da Universidade de Oviedo-Espanha, a quem agradecemos imensamente.

relevante para a gramática do português, que, por isso mesmo, dispõe de apenas uma conjunção adversativa para indicar os dois tipos de contraposição.<sup>14</sup>

Cabe interpor, no entanto, algumas ressalvas. Quando se trata da combinação de orações, pode-se marcar a função retórica Concessão tanto por *mas* quanto por conjunções subordinativas (*apesar de, embora*). Como se pode constatar, nas orações de (20), uma delas, que sinaliza a função retórica marcada por *apesar de*, admite a paráfrase com *mas* em (20)a. A ocorrência (21), que também combina orações, porém marcada por *mas*, admite a conjunção *embora*, conforme demonstra a paráfrase em (21)a. Obviamente são necessárias adaptações na ordenação das orações e, por vezes, na forma verbal, para preservar a função retórica aplicada à oração *esse problema aí do Semae foi resolvido acredito de forma justa*, em (20), e à oração *eles dizem cultura*, em (21).

(20) isso daí:: não tem como cê controlar...**apesar que** esse problema aí do Semae foi resolvido acredito de forma justa... (AC-49-RO,238)<sup>13</sup>

a esse problema aí do Semae foi resolvido acredito de forma justa... **mas** isso daí:: não tem como cê controlar.

(21) eles dizem cultura **mas** não sabem bem a, a definição dessa palavra “cultura”]. (GB95:A Juventude Guineense)

a não sabem bem a, a definição dessa palavra “cultura”, **embora** digam cultura

A aplicação desse teste às construções aqui investigadas revela que a contraposição por acréscimo permite paráfrase com as conjunções subordinativas *embora* e *apesar de*, conforme mostra (22)a.

(22) cores diferentes, não é?, **mas** mesmo estilo de roupa, (Bra95:MuitoIguaisDiferentes:90).

a mesmo estilo de roupa **embora** cores diferentes, não é?

Isso, entretanto, não ocorre com a contraposição por substituição, cuja paráfrase com as conjunções subordinativas *embora* e *apesar de* se mostra pouco aceitável, conforme se verifica em (23)a, uma paráfrase da ocorrência (15).

(23) não desejo recandidatar-me. *não por razões portanto eleitorais* que nunca estiveram no meu espírito **mas por leitura que faço da constituição e coerência**. eu há muito tempo que digo que o presidente não deve intervir. (PT90:PoderesCE:58).

a ? não desejo recandidatar-me. por leitura que faço da constituição e coerência, **embora** não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito

---

<sup>14</sup> Consideramos *porém, todavia, contudo, entretanto, no entanto* operadores discursivos (advérbios juntivos).

<sup>15</sup> Ocorrência extraída do Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br/iboruna>.

O que essa análise sugere é que, como as conjunções subordinativas *embora* e *apesar de*, não indicam exclusão total, não requerem, conseqüentemente, a substituição de uma informação por outra, o que motiva a incompatibilidade em estruturas como (23).

#### 4. A CONTRAPOSIÇÃO NÃO ORACIONAL COM *MAS* NOS NÍVEIS DA GDF

Tanto a contraposição por substituição quanto a contraposição por acréscimo estão intimamente relacionadas ao modo pelo qual o falante ordena os componentes do discurso visando a persuadir o ouvinte em favor de algum propósito comunicativo que tenha em mente. Diz respeito, portanto, à interação entre falante e ouvinte, uma relação que se estabelece no nível interpessoal. Representam ações linguísticas que se refletem na ordem das estratégias, colocada intencionalmente em prática pelo falante para atingir seu objetivo na interação. Trata-se, portanto, dos aspectos formais que refletem o papel da unidade linguística na interação entre falante e ouvinte, a que a GDF denomina Retórica.

Os aspectos de unidades linguísticas que refletem a estruturação global do discurso são funções retóricas que se aplicam a atos discursivos, que, como vimos, é uma das camadas do nível interpessoal. As funções retóricas reconhecidas pela GDF são Orientação, Esclarecimento, Concessão, Motivação e Aposição. Como já ficou claro, interessa-nos para o momento a função retórica Concessão.

Segundo a GDF, na Concessão interpessoal, que exprime a admissão de uma possível objeção ao ato discursivo nuclear, pode-se marcar ou o ato subsidiário ou o ato nuclear. No primeiro caso, usam-se conjunções como *embora*, *apesar de* antecedendo o ato subsidiário; no segundo, a conjunção *mas*, introduzindo o ato nuclear. Isso significa que as construções aqui tratadas representam a função retórica Concessão, em que se marca o ato nuclear.<sup>16</sup>

Nossos dados apontam, como vimos, para duas diferentes estratégias marcadas por *mas*: a que o ato nuclear traz uma informação em substituição à informação contida no ato subsidiário, conforme mostra (12), repetida aqui em (24), e a que a informação veiculada pelo ato nuclear acrescenta e esclarece a informação do subsidiário, conforme mostra (13), repetida em (25).

Essa distinção, no entanto, não altera a representação interpessoal do grupo representado por (24) e por (25), em que *Conc* indica concessão, como segue:

- (24) -> é que eu não conheço o norte. eu tenho maior vontade!  
- os pais pernambucanos, mas você nunca foi?  
-> nunca fui a Pernambuco. não, não s[...], *meus pais não, mas meus avós.*  
- é os avós. (Bra80:ArteUrbana:27).

$(M_1: [(A_1: - \text{meus pais não} - (A_1))_{\text{Conc}} (A_2: - \text{meus avós} - (A_2))]) (M_1)$

<sup>16</sup> Isso é o que distingue a tradicionalmente denominada subordinação adverbial concessiva da tradicional coordenação adversativa.

(25) *agora bem longe da casa, dessa fazenda, mas dentro ainda do, do território familiar, tem uma piscina, piscina natural.* (Bra80:Fazenda:30).

(M<sub>i</sub>: [(A<sub>i</sub>: – bem longe da casa, dessa fazenda – (A<sub>i</sub> )]<sub>Conc</sub> (A<sub>j</sub>: – dentro ainda do, do território familiar – (A<sub>j</sub>))] (M<sub>i</sub>))

Já, no nível representacional, trata-se de uma combinação de dois conteúdos proposicionais. Como construto mental, um conteúdo proposicional só pode ser avaliado em termos de atitudes proposicionais. Assim, cada membro combinado admite modificadores dessa camada, ou seja, modificadores atitudinais ou indicadores da fonte. É o que se constata em (15) e (19), repetidas aqui como (26) e (27), que admitem modificadores atitudinais, como *evidentemente, sem dúvida, obviamente e claramente*, seguindo o conteúdo proposicional do ato subsidiário ou antecedendo o do ato nuclear, como mostram respectivamente (26)a e (27)a e (26)b e (27)b.

(26)a não por razões portanto eleitorais que nunca estiveram no meu espírito **evidentemente**

b mas **sem dúvida** por leitura que faço da constituição e coerência

(27) a **sentado, obviamente.** (Moç86:Chuva:57).

b mas **claramente** adormecido

Dessa forma, (26) e (27) terão respectivamente a seguinte representação no NR:

(26) (p<sub>i</sub>: (r<sub>i</sub>: [(f<sub>i</sub>: razões (f<sub>i</sub>)) (r<sub>i</sub>): (f<sub>j</sub>: eleitorais (f<sub>j</sub>))] (r<sub>i</sub>): (e<sub>j</sub>: – que nunca estiveram no meu espírito – (e<sub>j</sub>)) (p<sub>i</sub>))

(p<sub>j</sub>: (e<sub>i</sub>: (f<sub>k</sub>: leitura (f<sub>k</sub>)) (e<sub>i</sub>): (e<sub>j</sub>: – que faço da constituição – (e<sub>j</sub>)) (p<sub>j</sub>))

(p<sub>k</sub>: (e<sub>j</sub>: (f<sub>i</sub>: coerência (f<sub>i</sub>)) (e<sub>j</sub>)) (p<sub>k</sub>))

(27) (p<sub>i</sub>: [(e<sub>i</sub>: (f<sub>i</sub><sup>c</sup>: [(f<sub>i</sub>: sentado (f<sub>i</sub>)) (x<sub>i</sub>)<sub>U</sub>] (f<sub>i</sub><sup>c</sup>)) (e<sub>i</sub>))] (p<sub>i</sub>))

(p<sub>j</sub>: [(e<sub>j</sub>: (f<sub>k</sub><sup>c</sup>: [(f<sub>k</sub>: adormecido (f<sub>k</sub>)) (x<sub>k</sub>)<sub>U</sub>] (f<sub>k</sub><sup>c</sup>)) (e<sub>j</sub>))] (p<sub>j</sub>))

As ocorrências analisadas evidenciam que o núcleo do conteúdo proposicional, sempre lexical, pode ser representado por qualquer categoria semântica: conteúdo proposicional (*coerência*), estado de coisas (*leitura, cultura*), propriedade (*diferente, igual, cor, sentado, adormecido*), indivíduo (*pais, avós*), maneira (*expressamente, implicitamente, estilo*), lugar (*longe, dentro*), razão (*razão*).

No nível morfossintático, as construções aqui enfocadas constituem uma expressão linguística, constituída por mais de uma unidade com as mesmas propriedades morfossintáticas (sintagmas e palavras), sem, no entanto, serem partes uma da outra, mas constituindo uma única unidade formal, conforme

genericamente representado em (28). Isso caracteriza o que a GDF denomina de Listagem (*Listing*).

(28) (Le<sub>i</sub>: [(Xp<sub>i</sub>) (Xp<sub>n-1</sub>) (Gw<sub>i</sub>) (Xp<sub>n</sub>)] (Le<sub>i</sub>))

Como a contraposição, é, como vimos, binária por definição, a relação ocorre entre palavras lexicais ou entre sintagmas, com a representação geral fornecida em (29) e (30) respectivamente.

(29) (Le<sub>i</sub>: [(Lw<sub>i</sub>) (Gw<sub>i</sub>: mas (Gw<sub>i</sub>)) (Lw<sub>2</sub>)] (Le<sub>i</sub>))<sup>17</sup>

(30) (Le<sub>i</sub>: [(Xp<sub>i</sub>) (Gw<sub>i</sub>: mas (Gw<sub>i</sub>)) (Xp<sub>2</sub>)] (Le<sub>i</sub>))<sup>18</sup>

Na ocorrência (2), repetida por conveniência em (31), há duas palavras relacionadas, e em (13), repetida em (32), dois sintagmas, sendo então respectivamente representadas em (31)a e (32)a, o que indica que estamos tratando do fenômeno de Listagem, já que as duas unidades compõem uma expressão linguística (uma única unidade formal) mas nenhuma é constituinte da outra.<sup>19</sup>

(31) não expressamente **mas** implicitamente, (PT89:CartografiaPortuguesa:49).

a (Le<sub>i</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: não (Gw<sub>i</sub>)) (Adv<sub>w</sub>: [(Adj<sub>s</sub>: expresso (Adj<sub>s</sub>)) (Aff: mente (Aff)<sup>πAdv</sup>]) (Adv<sub>w</sub>))] (Gw<sub>j</sub>: mas (Gw<sub>j</sub>)) (Adv<sub>w</sub>: [(Adj<sub>s</sub>: implícito (Adj<sub>s</sub>)) (Aff: mente (Aff)<sup>πAdv</sup>]) (Adv<sub>w</sub>))] (Le<sub>i</sub>))<sup>17</sup>

(32) bem longe da casa, dessa fazenda, **mas** dentro ainda do, do território familiar, (Bra80:Fazenda:30).

a (Le<sub>i</sub>: [(Adv<sub>p</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: bem (Gw<sub>i</sub>)) (Adv<sub>w</sub>: longe (Adv<sub>w</sub>)) (Adp<sub>i</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: de (Gw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>: -a casa- (Np<sub>i</sub>))] (Adp<sub>i</sub>))] (Adv<sub>p</sub>))] (Gw<sub>j</sub>: mas (Gw<sub>j</sub>)) (Adv<sub>p</sub>: [Adv<sub>w</sub>: dentro (Adv<sub>w</sub>)) (Gw<sub>k</sub>: ainda (Gw<sub>k</sub>)) (Adp<sub>i</sub>: [(Gw<sub>i</sub>: de (Gw<sub>i</sub>)) (Np<sub>i</sub>: -o território familiar- (Np<sub>i</sub>))] (Adp<sub>i</sub>))] (Adv<sub>p</sub>))] (Le<sub>i</sub>))

Como se sabe, as escolhas efetuadas no NI e no NR se refletem no NM. Na GDF, a ordenação de constituintes é um dos meios com que se mapeiam, no NM, as escolhas efetuadas nos níveis interpessoal e representacional. Isso significa que a atribuição da função retórica a um dos atos tem consequência para a linearização dos constituintes da expressão linguística. A expressão linguística, em princípio, dispõe de três posições básicas: P<sup>pre</sup>, que antecede a oração, P<sup>centro</sup>, reservada para a oração propriamente dita, que terá suas próprias posições, e P<sup>pos</sup>, que segue a oração, conforme (33).

(33)	Expressão Linguística	P <sup>pre</sup>		P <sup>centro</sup>		P <sup>pos</sup>
	Oração			P <sup>I</sup> P <sup>M</sup> P <sup>F</sup>		

<sup>17</sup> Lw (*lexical word*) palavra lexical; Gw (*grammatical word*) palavra gramatical.

<sup>18</sup> Xp qualquer tipo de sintagma

<sup>19</sup> 's' (*stem*) indica radical; Aff designa 'afixo'.



O ato com a função retórica assume a primeira posição (P<sup>pre</sup>) na expressão linguística, e o nuclear, então antecedido pela conjunção *mas*, assume a posição final (P<sup>pos</sup>), ficando a P<sup>centro</sup> vazia, uma vez que não há nenhuma oração para ocupá-la, conforme representado em (34).

(34) Le	P <sup>pre</sup>	P <sup>centro</sup>	P <sup>pos</sup>
(31)	não expressamente		implicitamente
(32)	bem longe da casa, dessa fazenda		dentro ainda do, do território familiar

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já assinalado, o objetivo deste estudo é verificar o estatuto discursivo dos membros não oracionais envolvidos numa relação marcada por *mas* e o tipo de fenômeno morfossintático aí engendrado.

A análise pragmática deste fenômeno mostra que cada um dos membros envolvidos consiste em um ato discursivo, ou seja, a menor unidade identificável de comportamento comunicativo, que expressa a finalidade do ato verbal. Nas ocorrências aqui tratadas, os atos discursivos envolvidos têm estatutos comunicativos distintos, não sendo, por isso, equipolentes. O ato discursivo subsidiário exerce uma função retórica, denominada Concessão. Cada um desses atos discursivos é moldado, no nível representacional, como um conteúdo proposicional, contendo um núcleo lexical, que pode ser de qualquer categoria semântica. No nível morfossintático, a construção é mapeada numa expressão linguística, formada por duas unidades não oracionais (sintagmas ou palavras); como uma não é parte da outra, esse fenômeno se identifica como Listagem. A unidade com a função retórica Concessão ocupa sempre a posição inicial da expressão linguística, antecedendo a unidade nuclear que é, então, marcada com a conjunção *mas*. O Quadro 1 resume as propriedades pragmática, semântica e morfossintática das construções aqui em foco, exemplificadas em (1) e (6), aqui repetidas como (31) e (32).

NI	M	Ato <sub>Conc</sub>	Ato nuclear
NR	P	p <sub>i</sub>	p <sub>o</sub>
NM	Le	P <sup>pre</sup>	P <sup>pos</sup>
		Xp/Lw	Xp/Lw
	(31)	não expressamente	<b>mas</b> implicitamente
	(32)	bem longe da casa, dessa fazenda	<b>mas</b> dentro ainda do, do território familiar

Quadro 1. Resumo das propriedades pragmáticas, semânticas e morfossintáticas.

Sob a perspectiva da GDF, apesar de não haver relação de constituência entre os membros combinados, não se pode afirmar que o fenômeno aqui enfocado é um caso de coordenação, conforme proposto na tradição gramatical, uma vez que as unidades combinadas não são pragmaticamente equipolentes.

Da mesma forma, contrariamente ao que propõe Dik (1997, p. 201), não se pode afirmar que se trata de coordenação de termos, visto que não são constituintes subordinacionais, que se multiplicam localmente na posição em que eles ocorrem na estrutura da oração. Constituem, na verdade, atos discursivos não equipolentes, que não constituem predicções no NR, e morfossintaticamente são mapeados por sintagmas e palavras e não por orações.

---

## REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, Jean Claude; DUCROT, Oswald. Deux Mais en français. *Língua*. v. 43, p. 23-40, 1977.
- DIK, Simon. *The theory of Functional Grammar*. Part I: The structure of the clause. Dordrecht: Foris, 1989.
- DIK, Simon. *The theory of Functional Grammar*. Part II – Complex and derived constructions. New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções em português*. Campinas: Pontes, 1987.
- HENGEVELD, Kees. The architecture for Functional Grammar. In: Mackenzie, Lachlan; Gómez-González (eds.). *A New architecture for Functional Grammar*. Functional Grammar Series 24. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, John Lachlan. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LONGHIN, Sanderléia Roberta; PEZATTI, Erotilde Goreti; NOVAES-MARQUES, Norma Barbosa. A Coordenação. In: CASTILHO, A. T. (org.), no prelo.
- PEZATTI, Erotilde Goreti; LONGHIN, Sanderléia Roberta. As Construções coordenadas. In: NEVES, Maria Helena Moura; ILARI, Rodolfo. (Org.) *A Construção das orações complexas - Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2016, p. 13-68.
- VOGT, Carlos; DUCROT, Oswald. De Magis a Mas: uma hipótese semântica. In: \_\_\_\_\_ *Linguagem, pragmática e ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.

Recebido: 18/10/2018

Aceito: 5/01/2019

Publicado: 19/02/2019